

SOCIEDADE E LITERATURA: OS PERSONAGENS LEITORES NA FICÇÃO QUEIROSIANA

Sérgio Nazar DAVID*
Isabela Coradini PINHEIRO**

- **RESUMO:** O intuito do presente trabalho é examinar a representação de alguns personagens leitores nas obras *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888), do escritor português Eça de Queirós, considerando a cultura literária e a educação dos homens e das mulheres da época. Sendo assim, pretende-se elaborar um breve estudo sobre a recorrência da literatura na ficção queirosiana, destacando, sobretudo, as leituras consumidas pelos personagens – tanto femininos quanto masculinos – e o reflexo dessa literatura na construção de cada leitor presente nas respectivas narrativas. É importante reconhecer, nesse contexto, a literatura como uma forma de retratar o meio cultural oitocentista. Pela produção literária proveniente de Portugal e de outros países, os movimentos literários influenciam os indivíduos da sociedade portuguesa do século XIX e, conseqüentemente, são explicitados na ficção de Eça por meio de caracterizações excepcionais de personagens detalhados e complexos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Eça de Queirós. Literatura Portuguesa. Século XIX. Personagens leitores.

Introdução

As obras de Eça de Queirós se tornaram indispensáveis para entender o Portugal da segunda metade dos Oitocentos, visto que muitas delas foram construídas a partir de um projeto literário que visava a uma crítica à sociedade por meio da literatura. Na perspectiva do autor, a arte seria uma forma de revolução e posteriormente culminaria em uma justiça social, e a observação criteriosa dos costumes portugueses seria

* UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Humanidades – Instituto de Letras – Programa de Pós-graduação em Letras. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20550-900 – snazardavid@gmail.com.

** UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Humanidades – Instituto de Letras – Programa de Pós-graduação em Letras. Rio de Janeiro – RJ – Brasil. 20550-900 – isabela.coradini@hotmail.com.

um ponto-chave para a elaboração desses textos. Nas palavras de Paulo Franchetti (2007, p. 137-138), para Eça

(...) a arte moderna tinha por objetivos examinar a sociedade e o indivíduo e proceder à “crítica dos temperamentos e dos costumes”. Ao fazê-lo, a arte moderna tornava-se uma eficiente “auxiliar da ciência e da consciência”, e se comprometia com a verdade e a promoção da justiça social, isto é, com a revolução.

Muitos escritos queirosianos que estavam de acordo com essa proposta literária começaram a surgir com a publicação d’*As Farpas*, colaboração periódica do autor com o amigo Ramalho Ortigão entre os anos de 1871 e 1872. Nesses artigos, Eça escrevia sobre a situação da sociedade portuguesa do século XIX, muitas vezes criticando-a, e abordava diversos assuntos importantes, como a situação da Igreja, do teatro, da literatura e outros. Tais temáticas posteriormente aparecerão como pontos importantes dos romances de Eça de Queirós, e, dentre eles, a educação feminina portuguesa possui um significantemente espaço nessas narrativas.

N’*As Farpas*, Eça de Queirós expõe a problemática de um molde educacional que não instrui as mulheres – sobretudo as burguesas – com grandes valores, pois, como elas eram educadas para alcançar um casamento vantajoso em uma perspectiva financeira, aprendiam majoritariamente as tarefas referentes aos papéis domésticos. Ao analisar a educação feminina no século XIX, Michelle Perrot (2019, p. 93) afirma:

É preciso, pois, educar as meninas, e não exatamente instruí-las.

Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas.

Tendo em vista esse modelo de educação, é importante pensar que, nesses moldes, houve a categorização da literatura romântica como a adequada para as jovens oitocentistas. Devido à construção histórica de um discurso de inferioridade intelectual feminina, as mulheres eram vistas como incapazes de compreender os textos dos grandes pensadores e, conseqüentemente, a leitura de romances, novelas e poesias foi determinada como a melhor para elas. Então, enquanto aos homens ficaria destinado o consumo de uma literatura tida como culta, as mulheres poderiam apenas ter contato com um tipo de leitura, muitas vezes vista como perigosa por lhes gerar uma mentalidade fantasiosa.

Quando trazemos esses aspectos para a ficção de Eça de Queirós, muitas vezes percebemos a diferença entre a literatura consumida pelos homens e pelas mulheres nas obras do autor como uma consequência da educação conservadora de então. Há, nos romances queirosianos, uma forte presença de personagens leitores que refletem a opinião da época: textos românticos para as moças e científicos para os rapazes. Além disso, também percebe-se uma peculiaridade na construção desses personagens, que muitas vezes possuem suas personalidades atreladas às leituras de suas preferências. Portanto, é imprescindível notarmos que a inserção da leitura nas narrativas de Eça é fundamental para a produção de sentido.

A partir dessas considerações, observe-se a recorrência de alguns personagens leitores nos dois grandes romances de Eça de Queirós: *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888). Para isso, é necessário pensarmos sobre a educação destinada às mulheres portuguesas do século XIX como um forte motivo para a disparidade entre as leituras feitas pelos homens e pelas mulheres, e também é importante perceber como Eça construiu seus romances a partir desses princípios e atrelou a leitura ao perfil de cada personagem. Assim, a análise debruçar-se-á em personagens que possuem essas características de maneira mais evidente, sendo eles: Jorge, Conselheiro Acácio, Basílio e Luísa, d'*O primo Basílio*; e Ega, Alencar e Maria Eduarda, d'*Os Maias*.

As múltiplas faces literárias lisboetas: personagens leitores d'*O primo Basílio*

O primo Basílio foi uma das obras mais famosas de Eça de Queirós, que possuía o intuito nítido de exercer uma crítica à sociedade burguesa lisboeta e a toda monotonia da “atmosfera morna e medíocre de Lisboa da Regeneração” (Reis, 2000, p. 15). Com uma grande pluralidade de personagens leitores, a diferença entre a leitura dos homens e a das mulheres é explícita, tendo como uma das causas principais a distinção entre a educação feminina e a masculina – o que resulta em mais uma forma de crítica social por parte de Eça. Além disso, percebe-se também que muitas vezes tais personagens possuem as personalidades moldadas pelas suas preferências literárias. Portanto, a representação da leitura é recorrente na ficção queirosiana e n'*O primo Basílio* esse retrato é carregado de significados importantes para o enredo, pois, através da inserção de romances ou de periódicos nos cenários descritos, o narrador esmiuça as leituras feitas pelos personagens com o intuito de relacioná-las ao perfil de cada um e também critica questões sociais que estão interligadas a essa temática.

Os personagens masculinos leitores d'*O primo Basílio*, em sua maioria, retratam a relação entre formação de caráter e afinidades literárias, e como fruto da educação masculina, percebe-se uma forte presença de obras que remetem ao ideal de erudição para a época. Inicialmente, convém ressaltar a figura do personagem Jorge, que é descrito pelo narrador como uma figura séria, um homem de negócios,

intelectual, pouco afeito ao Romantismo. Já no começo do romance, o engenheiro está lendo um volume de Louis Figuier, escritor francês do século XIX e grande divulgador da ciência e há, logo nessa representação inicial, o entrelace das leituras do personagem com a sua personalidade científica, culta e letrada. Quando descreve o marido de Luísa, o narrador indica:

Elle, nunca fôra sentimental: os seus condiscipulos, que liam Alfred de Musset suspirando e desejavam ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe *proseirão*, *burguez*: Jorge ria; não lhe faltava um botão nas camisas, era muito escarolado, **admirava Luiz Figuier, Bastiat e Castilho**, tinha horror a dividas, e sentia-se feliz (Queiroz, 1878, p. 8, grifos nossos).

Mais uma vez, temos contato com as preferências literárias do personagem e percebemos a intenção de estabelecer um paralelo entre o perfil de Jorge e suas preferências literárias. Enquanto seus amigos admiravam a figura principal do romance de Alexandre Dumas Filho, *A Dama das Camélias*, Jorge estava focado no cientificismo de Louis Figuier e na economia francesa explicada por Frédéric Bastiat, justificando sua simpatia por questões científicas e sociais. No entanto, observa-se na mesma passagem que ele estimava um grande nome do Romantismo português, António Feliciano de Castilho, marcando que consumia a literatura intelectual, mas também admirava os grandes autores lusitanos da época.

A figura do Conselheiro Acácio também é de grande valia para a análise de personagens leitores masculinos queirosianos, sobretudo ao se tratar do consumo de uma leitura vista como erudita. Acácio foi Diretor Geral do Ministério do Reino e também era escritor¹ e, descrito como aparentemente um defensor da moral e dos bons costumes, o personagem possuía uma grande proximidade com a literatura e exaltava as leituras que realizava:

— Prezo-me de ter os authores mais illustres, amigo Zuzarte! — disse com orgulho o Conselheiro.

Mostrou-lhe a *Historia do consulado e do imperio*, as obras de Delille, o *Diccionario da conversação*, a ediçõesinha bojuda da *Encyclopedia Roret*, o *Parnaso lusitano* (Queiroz, 1878, p. 440).

¹ As obras escritas pelo Conselheiro também foram expostas com o intuito de reforçar o domínio do personagem sobre assuntos diversos. Dentre as produções literárias de Acácio, o narrador nos mostra que “tinha composto os ELEMENTOS GENERICOS DA SCIENCIA DA RIQUEZA E SUA DISTRIBUIÇÃO, *segundo os melhores autores*, e como sub-titulo: *Leituras do serão!* Havia apenas mezes publicára a RELAÇÃO DE TODOS OS MINISTROS D’ESTADO DESDE O GRANDE MARQUEZ DE POMBAL ATÉ NOSSOS DIAS, COM DATAS CUIDADOSAMENTE AVERIGUADAS DE SEUS NASCIMENTOS E OBITOS” (Queiroz, 1878, p. 45-46).

É nítida a intenção do narrador em atrelar o perfil culto do Conselheiro aos livros preferidos do personagem, pois há títulos com teor histórico e obras ficcionais de autores importantes. Entretanto, há uma quebra com a representação moralista de Acácio no momento em que Julião, na curiosidade em investigar o quarto do amigo, “abriu então a gavetinha da mesa de cabeceira, e viu, espantado, uma touca e o volume brochado das poesias obscenas de Bocage!” (Queiroz, 1878, p. 442). Ou seja, Eça descreve o Conselheiro inserido em um meio social hierarquizado, onde o desejo não tinha o devido espaço, e que por isso devia se adequar aos moldes daquele contexto como lhe era possível: mantendo suas aparências ao defender os bons costumes, mas, no âmbito privado, viver amigado com a sua criada e esconder um livro considerado obsceno. Sendo assim, os elementos expostos pelo narrador em relação às leituras do personagem indicam certa ambiguidade: ele se submetia ao senso comum para salvar a sua imagem perante a sociedade, mas nem por isso deixava de ler o grande e intrépido Bocage.

Outro personagem leitor queirosiano é Basílio, que, ao contrário de Jorge e de Conselheiro Acácio, não possui um perfil culto e erudito, mas é dotado de uma personalidade donjuanística², viril e ligada à sexualidade. Da mesma forma vista na descrição dos outros personagens, as leituras de Basílio também condizem com seu caráter:

Ao pé, na jardineira, tinha o seu *buvard* com um largo monogramma em prata sob a corôa de conde, caixas de charutos, os seus livros — *Mademoiselle Giraud ma femme, La vierge de Mabile, Ces Frippones! Memoires secrètes d’une femme de chambre, Le chien d’arrêt, Manuel du chasseur*, numeros do *Figaro*, a photographia de Luiza, e a photographia d’um cavallo (Queiroz, 1878, p. 347).

Podemos perceber a predominância de livros associados a uma “literatura vulgar” e que dialogam bastante com o perfil sedutor de Basílio, como, por exemplo, *Mademoiselle Giraud ma femme*, obra do escritor francês Adolphe Belot precursora da novela lésbica – um escândalo à época –, e também exemplares que remetem à masculinidade do personagem, como um manual do caçador. Além disso, Basílio utiliza a literatura como mais um mecanismo para seduzir Luísa:

Também elle passára a manhã deitado no sophá a lêr a *Mulher de fogo* de Belot. Tinha lido, ella?

² De acordo com Carlos Reis (2000, p. 51), “o donjuanismo traduz-se numa atitude de sedução masculina, exercida sobre a mulher permeável a um idealismo amoroso quase sempre de matriz romântica: numa sociedade burguesa atravessada por diversos rituais sociais, o homem «que *faz a sua corte*» à mulher, mesmo quando casada, assume um comportamento não só tolerável, como socialmente legítimo”. Tal traço é marcante ao se tratar da personalidade de Basílio.

— Não, que é?

— É um romance, uma novidade.

E acrescentou sorrindo:

— Talvez um pouco picante; não t'ó conselho! (Queiroz, 1878, p. 118-119).

Tal romance de Adolphe Belot era considerado uma literatura erótica, o que marca novamente a relação da personalidade de Basílio com as leituras de sua preferência. Sabendo que Luísa é leitora e que provavelmente a obra despertará sua curiosidade, ele instiga a prima e, posteriormente, lhe empresta o livro picante, concretizando mais uma de suas artimanhas para conquistar a jovem burguesa. Sendo assim, a representação de Basílio como um leitor de livros para homens colabora no desenho do perfil do que ele será para Luísa: um amante, o homem que ela deseja sexualmente, mas não pode admitir tal fato nem para si, nem para a sociedade.

Ao se tratar da presença de personagens femininas leitoras n' *O primo Basílio*, é importante destacar a figura de Luísa, o exemplo mais conhecido, nos estudos queirosianos, da relação entre mulheres e literatura.

Luísa tem muito da educação burguesa que lhe era imposta. Como se sabe, nesse modelo educacional apenas era permitido às mulheres a literatura romântica, presente em romances e novelas e, por isso, as leituras da personagem estavam de acordo com esse padrão. Suas preferências literárias são explicitadas logo no início do romance:

Lia muitos romances; tinha uma assignatura, na Baixa, ao mez. Em solteira, aos 18 annos, enthusiasamára-se por Walter-Scott e pela Escocia; desejára então viver n'um d'aquelles castellos escocizes, que teem sobre as ogivas os brazões da *clan*, mobilados com arcas gothicas e tropheus d'armas, forrados de largas tapecerias, onde estão bordadas legendas heroicas, que o vento do lago agita e faz viver: e amára Ervandálo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a penna d'aguia, presa ao lado pelo cardo d'Escocia d'esmeraldas e diamantes. Mas agora era o *moderno* que a captivava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltára-se por Mr. De Camors; e os homens ideaes appareciam-lhe de gravata branca, nas hobreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier: o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoadá: via-a alta e magra, com o seu longo chale de cachemira, os olhos negros cheios da avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro — Julia, Duprat, Armando, Prudencia, achava o sabor poetico d'uma vida intensamente amorosa; e todo aquelle destino se agitava, como n'uma musica triste, com ceias, noites

delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo d'um coupé, quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente cahem as primeiras neves (Queiroz, 1878, p. 14-15).

O longo trecho explica minuciosamente como Luísa enxergava a literatura e se relacionava com suas leituras. Luísa não só lia um livro, mas mergulhava na atmosfera dos romances, envolvia-se com a trama e com os personagens e buscava trazer para a sua realidade elementos da ficção – um claro exemplo do chamado bovarismo, em que a jovem idealiza a vida das protagonistas de suas leituras da mesma maneira que a personagem de Gustave Flaubert, Emma Bovary.

No entanto, cogitamos a hipótese de que que, mesmo com tal idealização, talvez outras razões tenham empurrado Luísa para os braços de Basílio. A jovem lisboeta vive um conflito interno pois, deseja sexualmente seu primo e não demonstra nenhum tipo insatisfação com Jorge: “Luísa avança no território do adultério não porque quis (afinal está visto que ela não suportava querer o que desejava), mas sim porque isto fazia parte do seu desejo” (David, 2007, p. 36-37). Desse modo, o amor funciona como um álibi para Luísa: ela precisa dele como uma justificativa para o adultério (ou seja, para satisfazer seus desejos) porque, na verdade, não possuía sentimentos amorosos por Basílio e não podia assumir isto devido aos códigos sociais de pudor que censuravam o desejo – principalmente o feminino – naquele meio.

Outro fator relacionado às leituras românticas foi o modo pelo qual elas eram vistas pela sociedade oitocentista. Muitos indivíduos pensavam que a literatura seria responsável por gerar uma mentalidade fantasiosa e transgressora nas mulheres. De acordo com Michelle Perrot (2019, p. 93), “ao longo do século XIX, reitera-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário.”; tal pensamento fica explícito n’*O primo Basílio* quando Luísa adoece e Paula, seu vizinho, diz ser “muita “dóse de novellas n’aquella cachimonia. Eu vejo-o de pela manhã até á noite de livro na mão. Põe-se a lêr romances e mais romances... Ahi teem o resultado: arrazada!” (Queiroz, 1878, p. 461). Portanto, a representação de Luísa mostra uma jovem que vive em um conflito interno para reconhecer seus desejos em uma sociedade onde tais vontades são reprovadas, e também, de certa forma, expõe a opinião social sobre mulheres leitoras de romances.

Questões sociais e literárias em foco: as leituras dos personagens d’*Os Maias*

A obra-prima queirosiana também dispõe de uma vasta riqueza de personagens leitores, que são de extrema relevância para a narrativa e para o contexto social oitocentista. Em *Os Maias* há uma forte representação cultural e a questão literária

ocupa um espaço significativo no enredo, seja por meio da descrição de leituras dos personagens ou das discussões intelectuais que acontecem em jantares e saraus, por exemplo. Nessa perspectiva, o papel da literatura no romance é importante não só para estudarmos o perfil dos personagens, mas também para analisarmos as suas posições perante assuntos da sociedade portuguesa.

Dentre as diversas representações de personagens masculinos leitores no romance, destacamos duas figuras que retratam uma discussão literária de grande importância para o século XIX: João da Ega e Tomás de Alencar. Enquanto Ega se porta como um defensor da escola realista-naturalista – mesmo com algumas contradições em sua personalidade sobre esse ponto –, Alencar é uma figura característica da segunda geração romântica portuguesa e autor de diversos escritos que vão de acordo com esse estilo literário. A partir dessas representações, o narrador, além de atrelar as leituras dos personagens aos seus respectivos ideais, também representa o embate entre o Romantismo e o Realismo, uma temática muito forte no período oitocentista e que fez parte da vida de Eça de Queirós.

João da Ega é descrito como um crítico da sociedade portuguesa, defensor da estética realista-naturalista e seus teóricos. Quando descreve o quarto do personagem, o narrador nos mostra que “sobre a mesinha de cabeceira erguia-se um montão de livros: a *Educação* de Spencer ao lado de Baudelaire, a *Lógica* de Stuart Mill por cima do *Cavaleiro da Casa Vermelha*” (Queirós, 2017, p. 191), e percebemos que tais obras reforçam o caráter intelectual de Ega. No entanto, a contradição do amigo de Carlos se revela por ele desaproveitar o Romantismo, mas possuir uma postura extremamente romântica em relação à amante Raquel Cohen³, ou seja: Ega, “(...) embora detrator do romantismo, sonhava com amores proibidos” (David, 2007, p. 115). Temos, novamente, a literatura como uma forma de enfatizar determinado humano, não sem alguma ambiguidade.

Já Tomás de Alencar é apresentado como uma caricatura do poeta romântico, e suas atitudes são detalhadas com os excessos do sentimentalismo característico do Romantismo português. Autor de várias obras, o personagem, conforme explicita o narrador, por muito tempo “tivera altar e celebrara missa” sob a catedral romântica, mas perdeu espaço para a Ideia Nova (maneira pela qual ele denominava a literatura realista-naturalista) que ganhava espaço na sociedade de então. Desse modo, Alencar é avesso ao Realismo, vê esse tipo de literatura como “latrinária”, um “excremento”, e saúda os tempos antigos, nos quais “ainda não havia a pústula e o pus” (Queirós, 2017, p. 203) nos romances. Percebemos, portanto, que as leituras

³ Dentre as várias atitudes de cunho romântico que João da Ega possui em relação à esposa de Jacob Cohen, é interessante destacar a possibilidade dele escrever poemas, em segredo, para ela. Tal fato nos é mostrado quando o personagem está apresentando sua casa a Carlos: “Mas foi mostrar logo o seu recantozinho estudioso, formado por um biombo, ao lado da janela, e tomado todo por uma mesa de pé de galo, onde Carlos assombrado descobriu, entre o belo papel de cartas do Ega, um *Dicionário de Rimas...*” (Queirós, 2017, p. 191).

de Alencar interferem na sua vida, em virtude do personagem ter idealizações poéticas em sua visão de mundo e diversas vezes defender veemente o Romantismo português em várias discussões literárias.

O contraste entre as ideias de João da Ega e de Tomás de Alencar é interessante para ilustrar a oposição entre a estética romântica e realista que estava em alta na sociedade portuguesa oitocentista. Enquanto Ega julga os românticos como “indivíduos inferiores que se governam na vida pelo sentimento e não pela razão” (Queirós, 2017, p. 695), Alencar expõe a todo momento sua revolta com as obras realistas-naturalistas, as quais, para ele, eram um “esterquilínio”. No entanto, ambos os personagens se excedem na defesa desses ideais e, em um momento da narrativa, envolvem-se em uma grande discussão sobre as estéticas literárias:

Mas ambos se voltaram ouvindo, no grupo dos outros, junto à mesa, estridências de voz, e como um conflito que rompia: Alencar, sacudindo a grenha, gritava contra a *palhada filosófica*; e do outro lado, com o cálice de *cognac* na mão, Ega, pálido e afetando uma tranquilidade superior, declarava toda essa babugem lírica que por aí se publica digna da polícia correcional... (Queirós, 2017, p. 212-213).

Fica claro o conflito entre os homens, que divergem veementemente sobre suas preferências e posteriormente se envolvem em um embate físico por conta desse conflito. Entretanto, ambos possuem visões um pouco distorcidas das respectivas estéticas literárias que defendem: João da Ega afirma que a arte naturalista “devia ser a monografia, o estudo seco dum tipo, dum vício, duma paixão, tal qual como se se tratasse dum caso patológico, sem pitoresco e sem estilo” (Queirós, 2017, p. 206); Alencar, com uma visão moralizante característica de alguns autores românticos, diz que o naturalismo possui “aluviões de obscenidade” (Ibidem, p. 205). Nesse contexto,

Em Alencar e Ega personifica-se uma forma de antagonismo cujos termos opostos pecam igualmente por excesso (pp. 162-164): de um lado, o exagero (e a incoerência, como já se viu) da «moralização» ultra-romântica e consequente fuga ao real circundante; de outro lado, a distorção das teses naturalistas (Reis, 2006, p. 66).

Em um outro momento d’*Os Maias* temos conhecimento de mais opiniões masculinas que envolvem literatura, no entanto, agora os personagens debatem sobre mulheres leitoras:

(...) Isso, segundo o Ega, prejudicava-a: porque o dever da mulher era primeiro ser bela, e depois ser estúpida... O conde afirmou logo com exuberância que

não gostava também de literatas: sim, **decerto o lugar da mulher era junto do berço, não na biblioteca...**

– No entanto é agradável que uma senhora possa conversar sobre coisas amenas, **sobre o artigo duma Revista, sobre... Por exemplo, quando se publica um livro... Enfim, não direi quando se trata dum Guizot, ou dum Jules Simon... Mas, por exemplo, quando se trata dum Feuillet, dum...** Enfim, uma senhora deve ser prendada. Não lhe parece, Neto?

Neto, grave, murmurou:

– Uma senhora, sobretudo quando ainda é nova, deve ter algumas prendas...

Ega protestou, com calor. **Uma mulher com prendas, sobretudo com prendas literárias, sabendo dizer cousas sobre o sr. Thiers, ou sobre o sr. Zola, é um monstro**, um fenómeno que cumpria recolher a uma companhia de cavalinhos, como se soubesse trabalhar nas argolas. A mulher só devia ter duas prendas: cozinhar bem e amar bem (Queirós, 2017, p. 413, grifos nossos).

Tal diálogo acontece entre João da Ega e o Conde de Gouvarinho e o ponto de vista masculino oitocentista acerca da relação entre mulheres e literatura fica nítido: as jovens são fadadas a possuírem um papel doméstico, não intelectual, mas também devem saber conversar sobre algumas questões literárias, contudo, essas discussões devem ser restritas a certos autores, excluindo os pensadores renomados da época. Ou seja: para os homens, as mulheres com um maior grau de instrução eram consideradas um “monstro” pois, conforme explicitado por Michelle Perrot (2019, p. 91), eles acreditavam que “o saber é contrário à feminilidade”. Sendo assim, a mulher erudita era vista como uma afronta à figura masculina dominante, já que esses indivíduos pensavam que “uma mulher culta não é uma mulher” (*Ibidem*, p. 93), e tal pensamento foi fortemente repassado pela sociedade portuguesa ao longo dos anos, tal como Eça inseriu na sua narrativa.

Entretanto, n’*Os Maias* existe uma mulher que vai na contramão desse pensamento masculino e também da educação feminina conservadora: Maria Eduarda Maia. A filha de Pedro foi educada em um convento, logo, o reflexo desse modelo educacional aparece nas leituras e opiniões da personagem:

Os romances que preferia eram os de Dickens; e agradava-lhe menos Feuillet, por cobrir tudo de pó de arroz, mesmo as feridas do coração. Apesar de educada num convento severo de Orléans, lera Michelet e lera Renan. De resto não era católica praticante; as igrejas apenas a atraíam pelos lados graciosos e artísticos do culto, a música, as luzes, ou os lindos meses de Maria, em França, na doçura das flores de maio. Tinha um pensar muito reto e muito são – com um fundo de ternura que a inclinava para tudo o que sofre e é

fraco. Assim gostava da República por lhe parecer o regimen em que há mais solicitude pelos humildes. Carlos provava-lhe rindo que ela era socialista.

– Socialista, legitimista, orleanista, dizia ela, qualquer coisa, contanto que não haja gente que tenha fome! (Queirós, 2017, p. 386-387, grifos nossos).

As preferências de leitura de Maria Eduarda comprovam como a educação da personagem diverge da tradicional, assim, ela não consome apenas literatura romântica, como era o esperado de uma mulher educada sob os modelos conservadores, mas também tem contato com os grandes intelectuais da época e possui opinião própria sobre assuntos políticos e literários. Outra questão interessante que marca essa contraposição da irmã de Carlos da Maia com a visão dominante masculina é o fato de João da Ega julgar Octave Feuillet como um autor aceitável para as mulheres lerem e Maria Eduarda não gostar desse escritor por ele maquiar muito as suas obras. Há, então, nesse retrato feminino, a formação de um novo perfil de leitora, no qual a mulher está na contramão do que a sociedade busca impor a ela e exerce leituras para além de obras românticas.

Considerações finais

Pudemos perceber que Eça de Queirós sempre buscou retratar a sociedade burguesa oitocentista e criticá-la dentro de diversos aspectos, e um dos graves defeitos desse corpo social, na perspectiva do autor, era a educação destinada às mulheres. O modelo burguês buscava educar as jovens para que elas alcançassem um casamento vantajoso financeiramente, por isso, as meninas aprendiam basicamente tarefas características de senhoras do lar. Mas é um engano achar que todas as jovens aceitavam passivamente o que o senso comum lhes ditava.

Um dos pontos criticados por Eça de Queirós é a categorização da literatura romântica como a única possível de ser consumida pelas mulheres. Desse modo, as jovens deveriam se entreter com a leitura de romances, poesias e novelas mais suaves, escapistas, sentimentais. No entanto, esse tipo de literatura também era vista com maus olhos pela sociedade, que julgava a leitura romântica como uma forma de gerar um imaginário transgressor nas mulheres.

N' *O primo Basílio*, a distinção entre a leitura feita pelos homens e pelas mulheres é clara, e, além disso, os personagens possuem suas personalidades atreladas às suas preferências literárias. Jorge, por exemplo, é descrito como um homem intelectual e sério, por isso, consome obras científicas; já o Conselheiro Acácio possui um perfil ambíguo por defender a moral vigente, mas ler livros de grandes pensadores, mas também uma obra considerada obscena. Basílio é apresentado como um homem galanteador e sensual, e, por isso, há uma predominância da literatura erótica na sua estante e ele usa a literatura como uma artimanha de sedução.

Tratando-se de Luísa, a situação é mais complexa: a jovem burguesa é leitora de romances românticos; além disso, vive um conflito psíquico porque sente repulsa pelo seu próprio desejo. *O primo Basílio* retrata, sob tal perspectiva, “uma perturbação na vida de uma mulher cuja mola propulsora é (...) o sexual” (David, 2007, p. 38). Contudo, é imprescindível entendermos que não foi por conta das idealizações românticas que Luísa se envolveu com Basílio, mas sim porque ela o deseja sexualmente.

Já em *Os Maias*, o retrato desenvolvido por Eça de Queirós com os personagens leitores é instigante, pois alguns representam discussões sociais e literárias, como é o caso de João da Ega e Tomás de Alencar, e outros vão na contramão do senso comum ditado pela sociedade, como é o caso de Maria Eduarda. Quanto às figuras masculinas, Ega é um “adepto (nem sempre convicto...) do naturalismo positivista” (Reis, 2006, p. 123), defensor da escola realista-naturalista, e consome majoritariamente leituras de cunho intelectual e científico, entretanto, possui opiniões ambíguas sobre esse estilo literário e se porta de maneira romântica com sua amante. Alencar é um poeta característico da segunda geração do romantismo português. Através dele, Eça traz à cena os exageros da escola realista e a sensibilidade para os grandes dramas sociais do tempo. Maria Eduarda possui uma vasta bagagem cultural e tem opinião própria sobre os assuntos sociais; curiosamente foi educada num colégio francês, de freiras, e sobretudo pela grande escola do mundo, o vasto e conturbado mundo que percorreu com sua extraordinária mãe.

Podemos considerar que a partir desse recorte foi possível analisar, de forma breve, a maneira pela qual Eça de Queirós esmiuçou o seu projeto literário de retratar e criticar os costumes da sociedade portuguesa oitocentista tendo como foco os personagens leitores e suas respectivas predileções literárias. Assim, observar a discrepância entre a literatura destinada aos homens e às mulheres, refletir sobre as discussões literárias em voga na segunda metade dos anos de 1800 em Portugal e perceber também o retrato da formação de um novo perfil de leitora, com mulheres consumindo a literatura de intelectuais renomados, passa a ser imprescindível para compreendermos de maneira mais aprofundada os personagens detalhados e complexos tão característicos da escrita queirosiana.

DAVID, S. N.; PINHEIRO, I. C. Society and literature: the reader characters in queirosian fiction. *Itinerários*, Araraquara, n. 59, v. 1, p. 227-239, jul./dez. 2024.

■ **ABSTRACT:** *The purpose of this work is to examine the representation of some reader characters in the works *O primo Basílio* (1878) and *Os Maias* (1888), by the Portuguese writer Eça de Queirós, considering the literary culture and education of men and women of the time. Therefore, the intention is to conduct a brief study on the recurrence of literature in queirosian fiction, highlighting, above all, the readings consumed by the*

characters – both female and male – and the reflection of this literature in the construction of each reader present in the respective narratives. It is important to recognize, in this context, literature as a way of portraying the nineteenth-century cultural environment. Through literary production originating from Portugal and other countries, literary movements influenced individuals in 19th century Portuguese society and, consequently, are made explicit in Eça's fiction through exceptional characterizations of detailed and complex characters.

■ **KEYWORDS:** *Eça de Queirós. Portuguese Literature. 19th Century. Reader characters.*

REFERÊNCIAS

DAVID, Sérgio Nazar. **O século de Silvestre da Silva**. Vol. II. Estudos queirosianos. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2007.

FRANCHETTI, Paulo. O Primo Basílio. *In*: FRANCHETTI, Paulo. **Estudos de literatura brasileira e portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007, p. 135-157.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela S. Corrêa. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

QUEIRÓS, Eça de. **Os Maias: Episódios da Vida Romântica**. Edição de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017.

QUEIROZ, Eça de. **O primo Basílio: episódio domestico**. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1878. Disponível em: <http://purl.pt/11>. Acesso em: 28 jun. 2022.

REIS, Carlos. **O essencial sobre Eça de Queirós**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

REIS, Carlos. **Introdução à leitura d'OS MAIAS**. Coimbra: Almedina, 2006.

